

Elementos da Estrutura de Posse de Escravos em Lorena no Alvorecer do Século XIX

IRACI DEL NERO DA COSTA
NELSON HIDEIKI NOZOE(*)

Resumo

Este artigo apresenta alguns elementos básicos referentes à estrutura de posse de escravos, elaborados a partir do processamento das listas nominativas de habitantes concernentes a quatro das oito *Companhias de Ordenanças* então existentes em Lorena em 1801.

Tanto os escravistas como os escravos possuídos são contemplados segundo um amplo conjunto de variáveis demográficas: sexo, faixas etárias, estado conjugal, atividade econômica, origem, cor e condição de legitimidade das crianças escravas. Tais variáveis foram analisadas considerando-se um corte básico, qual seja, o do tamanho dos plantéis (conjunto de escravos pertencentes ao mesmo proprietário). Visou-se, assim, além do conhecimento da estrutura de posse de cativos, apreender as distinções decorrentes de os mesmos integrarem grupos de cativos mais ou menos numerosos.

Em termos genéricos, pode-se afirmar que quase todas as variáveis demográficas selecionadas apresentaram algum tipo de relação com o tamanho dos plantéis.

Especificamente com respeito à estrutura de posse de cativos, observamos a repetição, para

Abstract

This work presents some of the basic elements concerning the slaveholding structure in Lorena, São Paulo, at the beginning of the nineteenth century. The primary sources were manuscript censuses for 1801, of which four of the eight *Companhias de Ordenanças* existing in Lorena at the time were examined.

Both slaveholders and slaves were analysed according to a wide range of demographic variables: sex, age brackets, marital status, economic activity, origin, colour and legitimacy condition of slave children. The analysis has taken into consideration a basic characteristic: the size of the slaveholding property. Thus, besides examining the slaveholding structure, we aimed at pointing out the distinctions arising from the fact that the slaves belonged to groups of different sizes.

In general terms, we may say that almost all selected demographic variables presented some kind of relation to the size of the slaveholdings.

As to the slaveholding structure specifically, we observed that in Lorena it was similar to the ones in other areas in Brazil, as well as to slaveholding structures existing in São Paulo in other points of time: significant presence of women

Os autores são professores da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo.

(*) Agradecemos à SEPLAN o apoio financeiro que possibilitou a realização deste estudo. Uma versão preliminar do mesmo foi apresentada no XIV Simpósio Nacional da ANPUH (Brasília, 1987) e esta versão definitiva no Congresso sobre História da População da América Latina (Ouro Preto, 1989).

Lorena, da estrutura de posse observada em outras áreas do Brasil, bem como em outros momentos do tempo na própria Capitania de São Paulo: significativa presença de mulheres entre os escravistas; alta participação relativa dos proprietários com pequeno número de cativos e expressivo peso relativo dos escravos possuídos pelos proprietários de porte médio ou grande.

Palavras-chave: escravismo, demografia escrava, posse de escravos.

among the slaveholders, high proportion of small slaveholders and an expressive relative weight of the slaves belonging to medium or large slaveholders.

Key words: slavery, slavery demography, slaveholding.

Introdução

Neste artigo apresentamos alguns dos elementos básicos concernentes à estrutura de posse de escravos em Lorena(SP) como se definiam no início do século passado. As fontes primárias de que nos servimos referem-se a quatro das oito Companhias de Ordenanças então existentes naquela localidade e se consubstanciam em listas nominativas levantadas em 1801⁽¹⁾.

A esta altura o café já iniciara sua penetração no Vale do Paraíba paulista, mas sua produção ainda mostrava-se modesta. Assim, a vida econômica via-se marcada por um elenco de gêneros que, excetuados o açúcar e o fumo, definiam-se como de subsistência – caso da aguardente e toucinho – ou destinados, sobretudo, ao autoconsumo, tais como o arroz, o milho, o feijão e a mandioca. O relativo dinamismo econômico e os expressivos movimentos populacionais então observados encontravam explicação no processo de soerguimento devido à recuperação da autonomia administrativa da Capitania e assentavam-se no estabelecimento da feitura do açúcar destinado à exportação. Este processo, como sabido, caracterizou a economia paulista nas quatro últimas décadas do século XVIII e no qual enraizou-se a produção da rubiácea que atingiria enorme importância no correr do século passado.

É este, portanto, o quadro no qual se movimentavam os 162 escravistas e 912 cativos, os quais compõem o objeto imediato deste trabalho. Ocupemo-nos, pois, de uns e de outros.

1. Visão de Conjunto de Escravistas e Cativos

Antes de passarmos ao estudo específico da estrutura de posse e de efetuarmos cortes segundo o tamanho dos plantéis ou estabelecermos cruzamen-

(1) Trabalhamos com os documentos correspondentes à primeira, segunda, quinta e sétima Companhias de Ordenanças da Vila de Nossa Senhora da Piedade de Lorena, os quais integram o acervo do Arquivo do Estado de São Paulo e pertencem à coleção identificada como *Maços de População*, ordem 98, caixa 98.

tos entre as variáveis demográficas e econômicas, debruçar-nos-emos sobre cada um dos segmentos populacionais em estudo e os qualificaremos em termos basicamente demográficos.

Os proprietários de escravos eram majoritariamente do sexo masculino (75,9%), predominando maciçamente os brancos (95,7%) e os que haviam conhecido o casamento (65,4% de casados e 20,4% de viúvos). A grande maioria havia nascido na própria Capitania de São Paulo (46,3% em Lorena e 14,2% em outras localidades paulistas), parcela expressiva deslocara-se de capitanias limítrofes (19,1% de Minas Gerais e 5,6% do Rio de Janeiro, com 0,6% originários de outras áreas do Brasil que não se viram identificadas), cabendo aos oriundos de Portugal ou das Ilhas Atlânticas peso relativo idêntico ao verificado para os proprietários nascidos na Capitania de São Paulo, exclusive os lorenenses: 14,2%.

A idade média dos escravistas alçava-se a 49,3 anos; 29,6% colocavam-se entre os 21 e os 39 anos, 45,7% tinham de 40 a 59 anos e os restantes 24,7% compunham o conjunto com 60 ou mais anos de idade.

Com respeito às atividades econômicas, dominavam os Agricultores e os Criadores de Animais (64,8%) secundados pelos Senhores de Engenho (16,1%). Também presentes estavam os Negociantes e os Rentistas (4,9%) e os que se dedicavam ao trabalho da Igreja ou eram Profissionais Liberais (3,7%), assim como os Artesãos (6,8%); já para os restantes 3,7% não se anotou a atividade à qual se vinculavam.

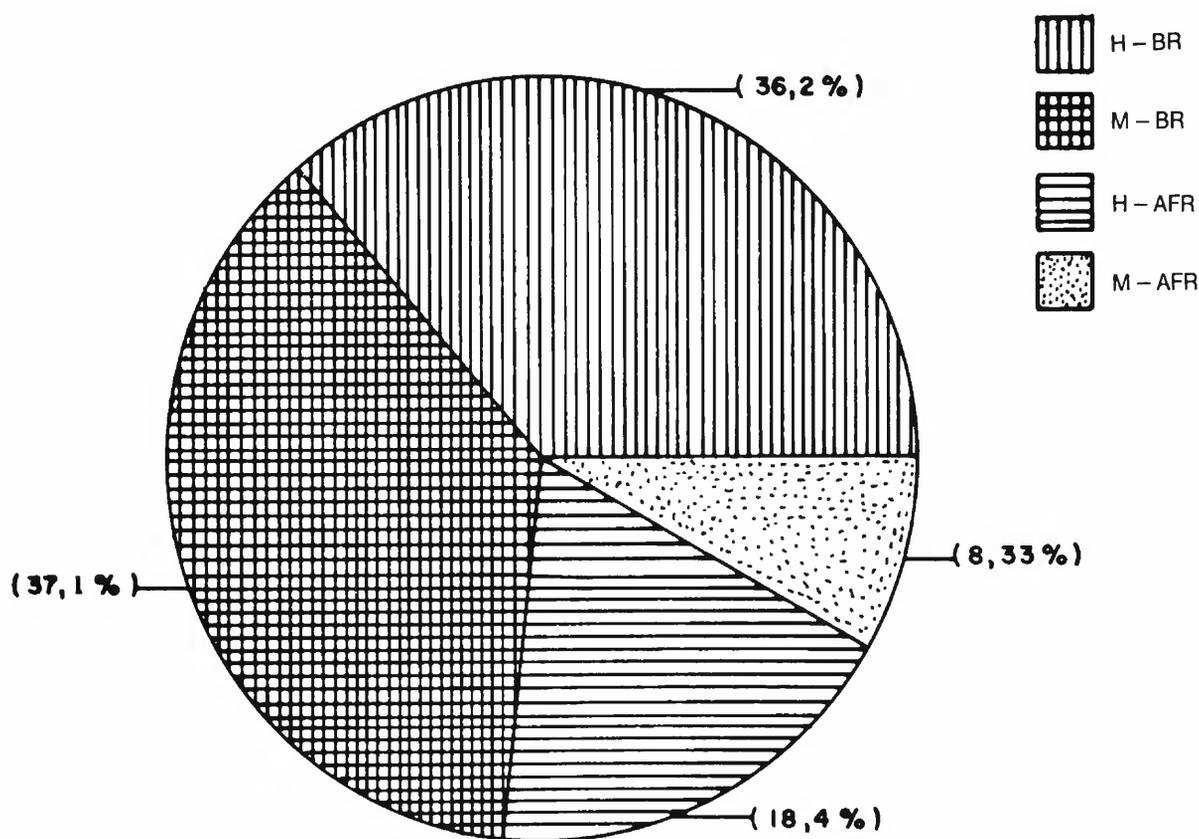
Na massa escrava observava-se a superioridade numérica do elemento masculino (54,6%); os pretos compunham três quartos dela (75,3%) e os casados ou viúvos apareciam expressivamente representados: 20,7%. Este último percentual ver-se-ia alçado a 33,4% caso considerássemos, tão-somente, os cativos com 15 ou mais anos de idade. Referentemente à origem, dominavam os nascidos no Brasil (73,2%); dentre os oriundos da África cabia maior peso relativo aos Bantos (97,5%). Por outro lado, a significativa participação das crianças com 10 ou menos anos (29,2%) faz-nos pensar em uma população não muito envelhecida. Deve-se ter presente que tal indicador mostrava-se superior para as mulheres (35,7%) *vis-à-vis* as pessoas do sexo oposto (23,7%), diferença esta decorrente da heterogênea composição do grupo de escravos deslocado da África, no qual mostrava-se majoritário o elemento masculino. Este fato evidencia-se, palmarmente, quando observadas as razões de masculinidade segundo a origem: 221,0 para africanos e 97,6 para os coloniais, donde decorria a razão de masculinidade de 120,3 para o conjunto total de cativos. A mesma desproporção acima referida explica as discrepâncias das razões de masculinidade segundo faixas etárias; assim, para o intervalo 0 a 14 anos este indicador denota relativo equilíbrio entre os sexos (94,4 homens para cada grupo de 100 mulheres), já no intervalo dos 15 aos 59 anos de idade a cifra via-se

afetada pela maior presença dos homens (143,4); de outra parte, o balanceamento observado entre as pessoas com 60 e mais anos pode ser explicado pela maior incidência de óbitos para os elementos do sexo masculino, taxa de mortalidade esta que seria tão mais elevada quanto maior fosse o diferencial, entre os sexos, das taxas de alforria, a qual parece ter sido mais freqüente, no meio rural, para as mulheres.

Da interação das evidências antes apontadas, resultavam os perfis das figuras abaixo. A primeira, além de ilustrar o predomínio de coloniais sobre africanos, indica o relativo equilíbrio dos sexos entre os primeiros e o domínio numérico dos homens para os segundos. O gráfico seguinte evidencia a con-

GRÁFICO 1

ESCRAVOS: SEXO E ORIGEM
(LORENA – 1801)

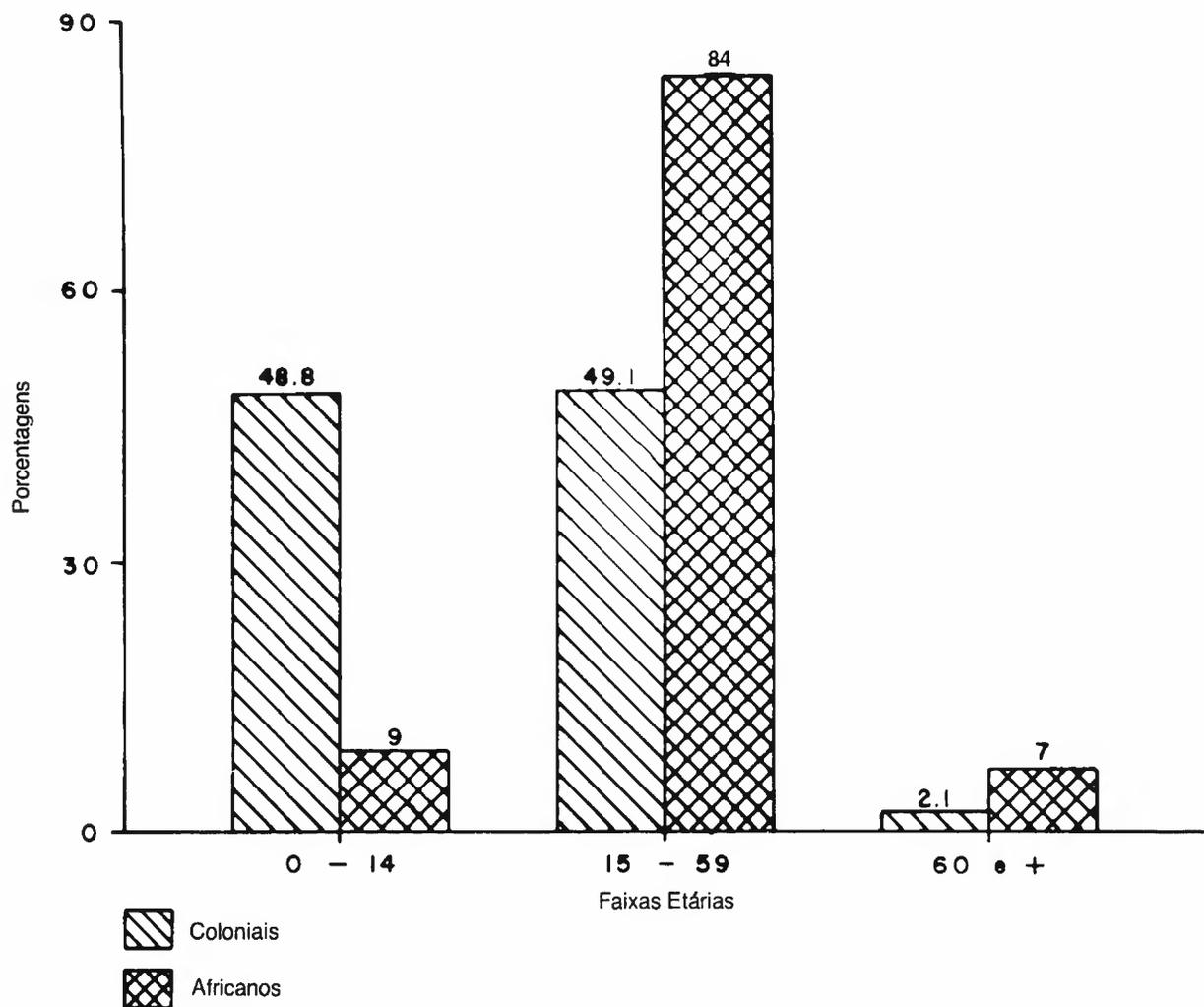


centração do elemento africano nas faixas etárias superiores, denotando, concomitantemente, que tal população apresentava-se relativamente "velha", enquanto a de coloniais apresentava perfil próprio de populações "jovens" Esta

última verificação pode ser tomada como indício de que prevalecia para os escravos nascidos no Brasil uma taxa positiva de crescimento natural⁽²⁾.

GRÁFICO 2

ESCRAVOS: IDADE E ORIGEM (LORENA – 1801)

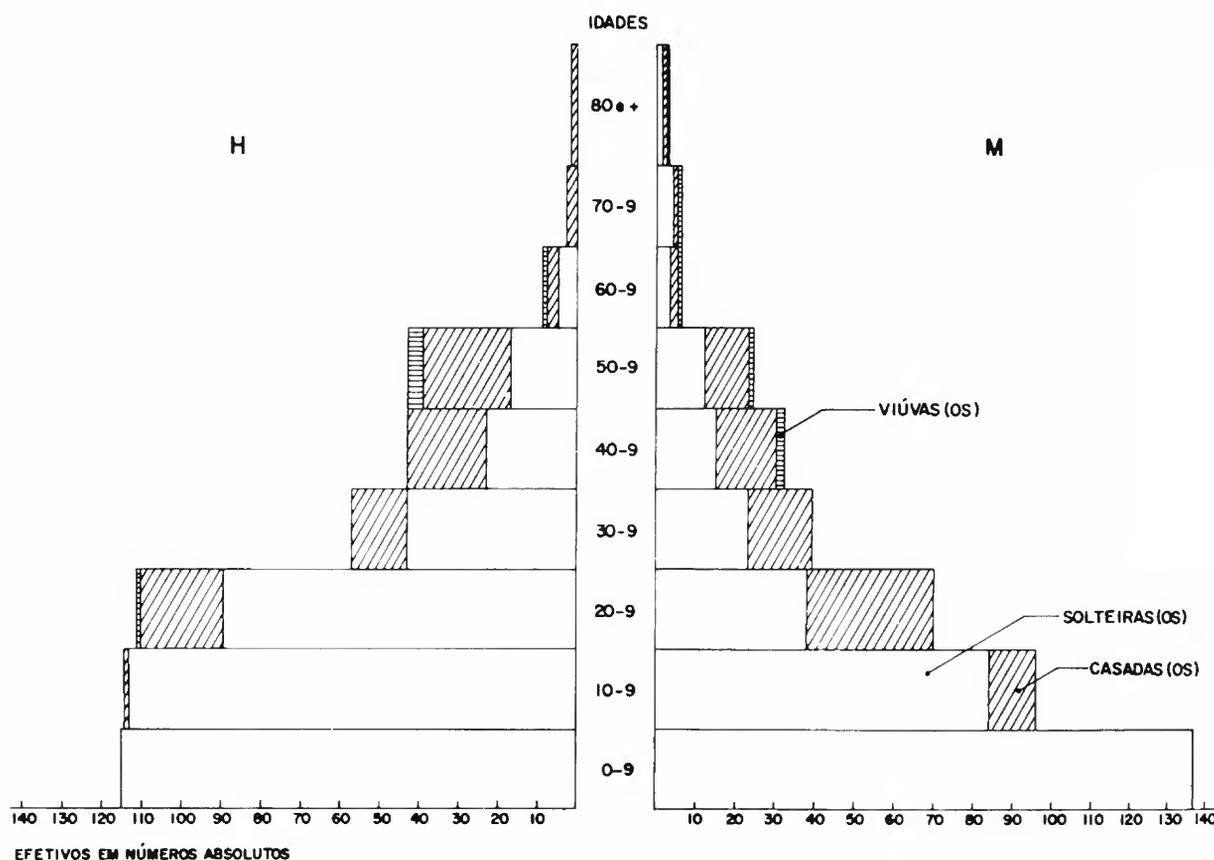


A pirâmide etária, por fim, revela a participação mais do que proporcional dos homens e a maior frequência relativa de casamentos no conjunto feminino (23,2% em face de 18,7% de homens casados ou viúvos, sendo os pesos rela-

(2) Temos presente que parte dos nascimentos ocorridos no Brasil devia-se à presença de pais e/ou mães africanos.

GRÁFICO 3

PIRÂMIDE DE IDADES: POPULAÇÃO ESCRAVA
(LORENÁ – 1801)



tivos tomados, respectivamente, sobre os efetivos totais de cada sexo). Outro elemento que se destaca é a participação crescente de casados ou viúvos conforme tornam-se mais elevadas as idades consideradas; tal fato, aliás, é comum a ambos os sexos e fica mais ressaltado se nos detivermos no gráfico subsequente.

Com respeito à filiação das crianças escravas com 14 ou menos anos cumpre realçar a expressiva participação dos filhos legítimos. Assim, caso considerássemos como filhos naturais todos aqueles para os quais não foi possível determinar a condição de filiação chegaríamos ao peso relativo de 41,2% para os legítimos – os naturais representariam 20,5% e os não identificados 38,3%. A exclusão destes últimos e o correlato cômputo das crianças para as quais identificou-se a filiação indica a prevalência daquelas cujos pais haviam recebido o sacramento do matrimônio: 66,8% para legítimos e os restantes 33,2% para naturais. Em consonância com a participação mais elevada de legítimos

GRÁFICO 4

ESCRAVOS: SEXO, IDADE E ESTADO CONJUGAL
PORCENTUAIS DE CASADOS OU VIÚVOS (LORENA – 1801)

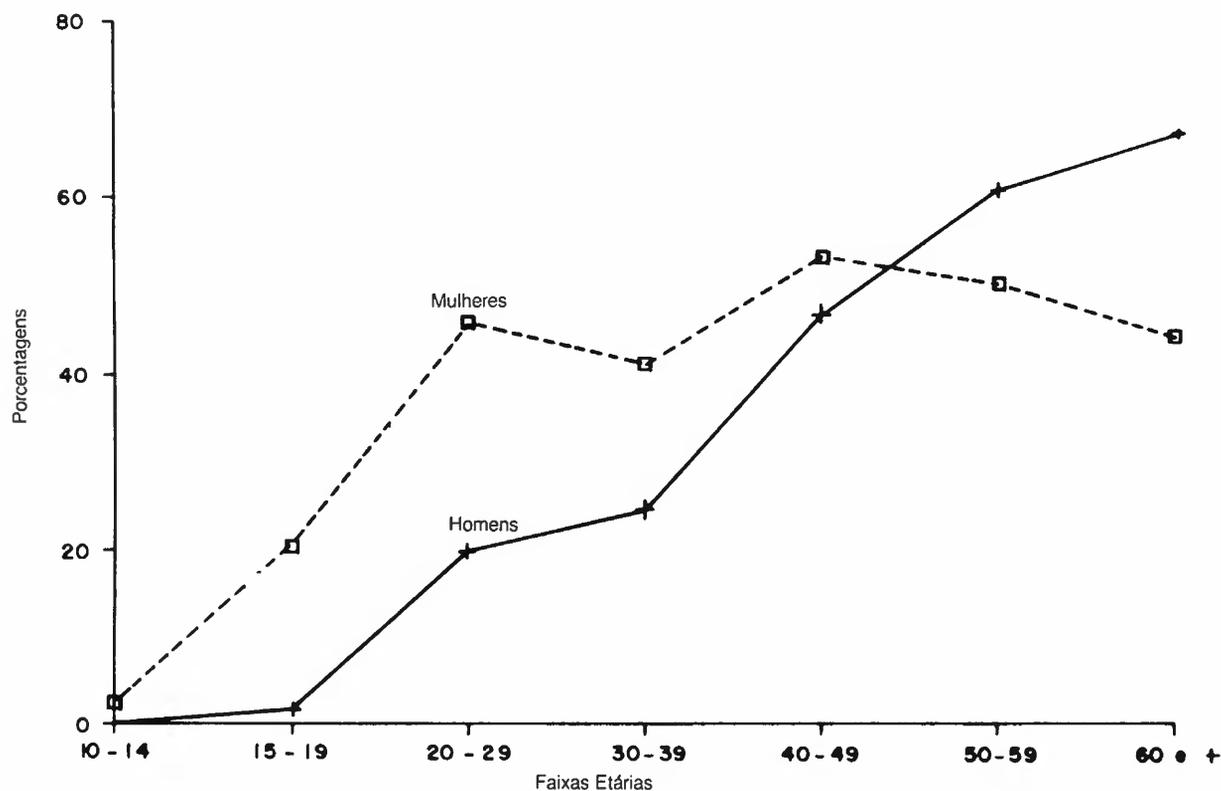
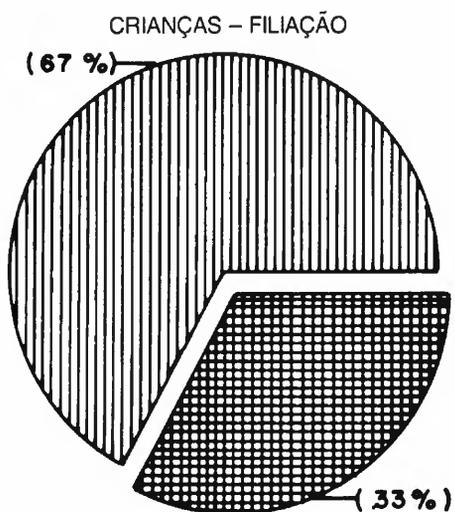
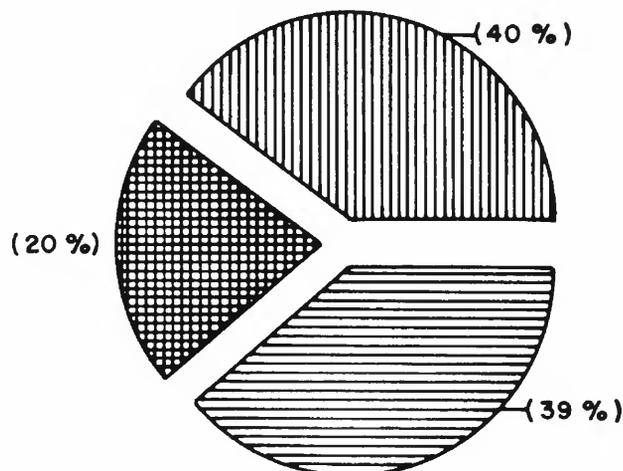


GRÁFICO 5



-  Legítimas
-  Naturais

ESCRAVAS – ESTADO CONJUGAL
(% SOBRE MULHERES MAIORES DE 14 ANOS)

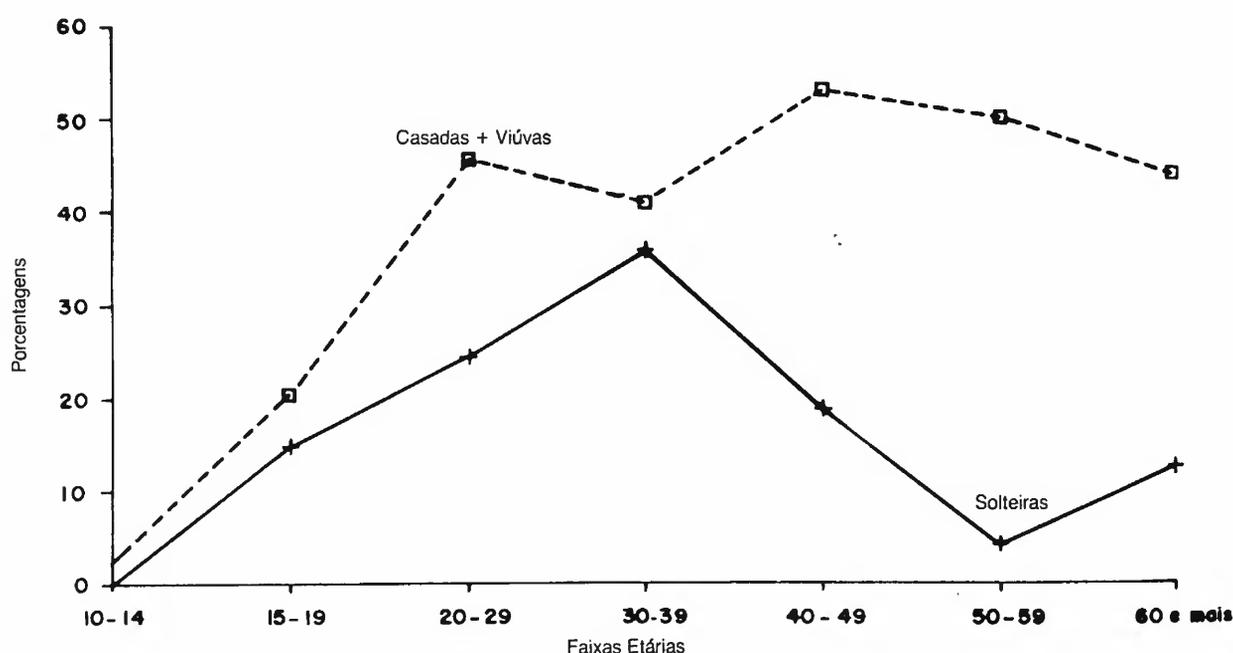


-  Casadas + Viúvas/15+
-  Mãe Solteira/15+
-  Solteiras/15+

timos *vis-à-vis* os naturais, mostrou-se majoritário o peso relativo das mulheres casadas ou viúvas em face do concenente às mães solteiras. Destarte, enquanto estas últimas representavam 20,4% do efetivo feminino com 15 ou mais anos de idade, cabia às casadas ou viúvas o peso relativo de 40,4%⁽³⁾ (Cf. gráfico 5).

Ademais, conforme se visualiza no gráfico 6, a participação das casadas ou viúvas prevalecia em todas as faixas etárias, sendo de notar, também, que os perfis de ambas as curvas não mostram grande dessemelhança nas primeiras faixas etárias.

GRÁFICO 6
ESCRAVAS
PORCENTUAIS DE CASADAS OU VIÚVAS E DE MÃES SOLTEIRAS



2. Estrutura de Posse de Escravos

Antes de passarmos ao estudo pormenorizado da problemática em epígrafe cabem algumas observações concernentes aos escravistas de cor e aos que foram anotados como agregados. O reduzido número de casos verificados – o que é expressivo por si mesmo – impede-nos análises mais detalhadas

(3) Neste cômputo não consideramos uma mulher casada, de 14 anos.

respeitantes às duas condições assinaladas; assim, não tornaremos às mesmas.

Do conjunto de proprietários de escravos, apenas 1,9% compunha-se de agregados – dos quais duas mulheres e um homem –, todos brancos e solteiros, não vindo, nos documentos compulsados, identificada a atividade econômica desempenhada pelos mesmos. Os seus plantéis – que reuniam 0,4% da massa escrava – eram integrados exclusivamente por mulheres nascidas no Brasil: uma senhora de 80 anos, preta e casada; uma outra com 55, preta e solteira; e uma terceira, a qual igualmente preta solteira, tinha junto a si uma filha parda com 5 anos de idade, também cativa.

Dos três proprietários pardos, todos casados, dois detinham um escravo cada e o outro possuía quatro. Das três escravistas pardas, todas solteiras, duas possuíam um escravo cada e a outra dois; este último era o número de cativos do único proprietário negro, uma viúva. Em conjunto, estas pessoas de cor detinham 12 escravos (1,3% do total de cativos) e correspondiam a 4,3% do total de proprietários.

Colocadas estas observações sobre a cor e a condição de agregados, passemos ao estudo sistemático dos escravistas.

A distribuição dos proprietários e cativos segundo o sexo e faixa de tamanho dos plantéis⁽⁴⁾ revela algumas evidências merecedoras de atenção (Cf. tabela 1).

TABELA 1

DISTRIBUIÇÃO DE PROPRIETÁRIOS E ESCRAVOS SEGUNDO O SEXO E FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS
(LORENA – 1801)

Faixas de Tamanho dos Plantéis	Proprietários			Escravos			%	%
	H	M	Tot.	H	M	Tot.		
1	29	11	40	16	24	40	24,7	4,4
2-5	55	18	73	119	104	223	45,0	24,5
6-15	30	9	39	188	187	375	24,1	41,1
16-41	9	1	10	172	102	274	6,2	30,0
Total	123	39	162	495	417	912	100,0	100,0

(4) Os pontos de corte para a determinação do tamanho de cada faixa, assim como o número das mesmas, foram definidos em função de análise preliminar na qual tentamos identificar os grupos que apresentavam características demográficas e econômicas não muito díspares.

Ressalta, de pronto, a repetição para Lorena de 1801, da estrutura de posse observada em outras áreas do Brasil, bem como em outros momentos do tempo na própria Capitania de São Paulo. Referimo-nos, especificamente, a três aspectos distintos: significativa presença de mulheres entre os escravistas, a qual alçava-se a pouco menos de um quarto (exatamente 24,1%) – a esta questão voltaremos adiante; alta participação dos proprietários com número mínimo de cativos ou que detinham plantéis relativamente pequenos; expressivo peso relativo dos escravos possuídos pelos proprietários de porte médio ou grande. Assim, apenas 4,4% dos cativos integravam os plantéis com apenas um elemento; doutra parte, seus proprietários compunham praticamente a quarta parte do conjunto de escravistas (24,7%). No outro extremo colocavam-se os proprietários de maior porte (16 a 41 escravos por plantel), os quais, embora fossem apenas 6,2% do segmento de proprietários, possuíam pouco menos de um terço (30,0%) da escravaria. Em termos gerais observa-se que 69,7% dos escravistas tinham sob seu domínio apenas 28,9% dos escravos, enquanto menos do que um terço daqueles primeiros (30,3%) possuía 71,1% destes últimos. Tanto este como outros indicadores aproximam-se dos encontrados para outras localidades e/ou momentos do tempo. Destarte, a média por proprietário alcançou 5,6 cativos, a classe modal correspondia a um, mediana situou-se nos três escravos (indicador válido para os escravistas) e o índice de Gini igualou 0,536 (Cf. tabela 2).

TABELA 2

INDICADORES ESTATÍSTICOS CONCERNENTES AOS ESCRAVISTAS

Localidade e Ano	Média de cativos por proprietário	Classe Modal	Mediana (proprietários)	Índice de GINI
Lorena, 1801	5,629	1	3	0,536
Lorena, 1804(a) (b)	5,8	1	—	0,56
Sorocaba, 1804(c)	5,014	1	3	0,545
Bahia, 1816/17(d)	7,2	—	—	0,590
Vila Rica, 1804(e)	3,7	—	—	0,502
Curitiba, 1804(f)	5,0	1	—	0,53
Paraná, 1804(g)	5,6	1	3	0,56

Notas: — valor não calculado pelo(s) autor(es); a) LUNA & COSTA (1983, p. 220); b) inclusive Areias; c) LUNA (1986, p. 10); d) SCHWARTZ (1983, p. 284); e) LUNA & COSTA (1982, p. 71); f) LUNA & COSTA (1983, p.220) – os dados referem-se à vila de Curitiba e às freguesias de São José dos Pinhais e Lapa; g) GUTIÉRREZ (1985, p. 14) – os dados correspondem a sete localidades do Paraná.

Atenhamo-nos, agora, à presença feminina entre os escravistas. Como avançado, seu peso relativo era ponderável (24,1% do total); não obstante, o número médio de escravos possuídos por mulheres era inferior ao dos homens: 4,28 em face de 6,06, o que fazia com que as mulheres, conjuntamente, detivessem apenas 18,3% do total de escravos. Além disto, considerando-se as faixas de tamanho dos plantéis, impõem-se novas evidências. Verifica-se, de pronto, que o desequilíbrio ora apontado situava-se, basicamente, na faixa superior de tamanho de posse; nela os homens representavam 90% dos escravistas e, em média, detinham 28,44, enquanto o mesmo indicador caía a 18,00 para as mulheres (Cf. gráficos 7 e 8). O índice de Gini, por seu turno, indica uma concentração menor para os proprietários do sexo feminino, o que fez este grupo relativamente mais homogêneo do que o concernente aos escravistas do sexo oposto, cujo índice correlato alçava-se a 0,546 em face de 0,477.

GRÁFICO 7

ESTRUTURA DE POSSE DE ESCRAVOS
TAXA DE MASCULINIDADE DE PROPRIETÁRIOS (LORENA – 1801)

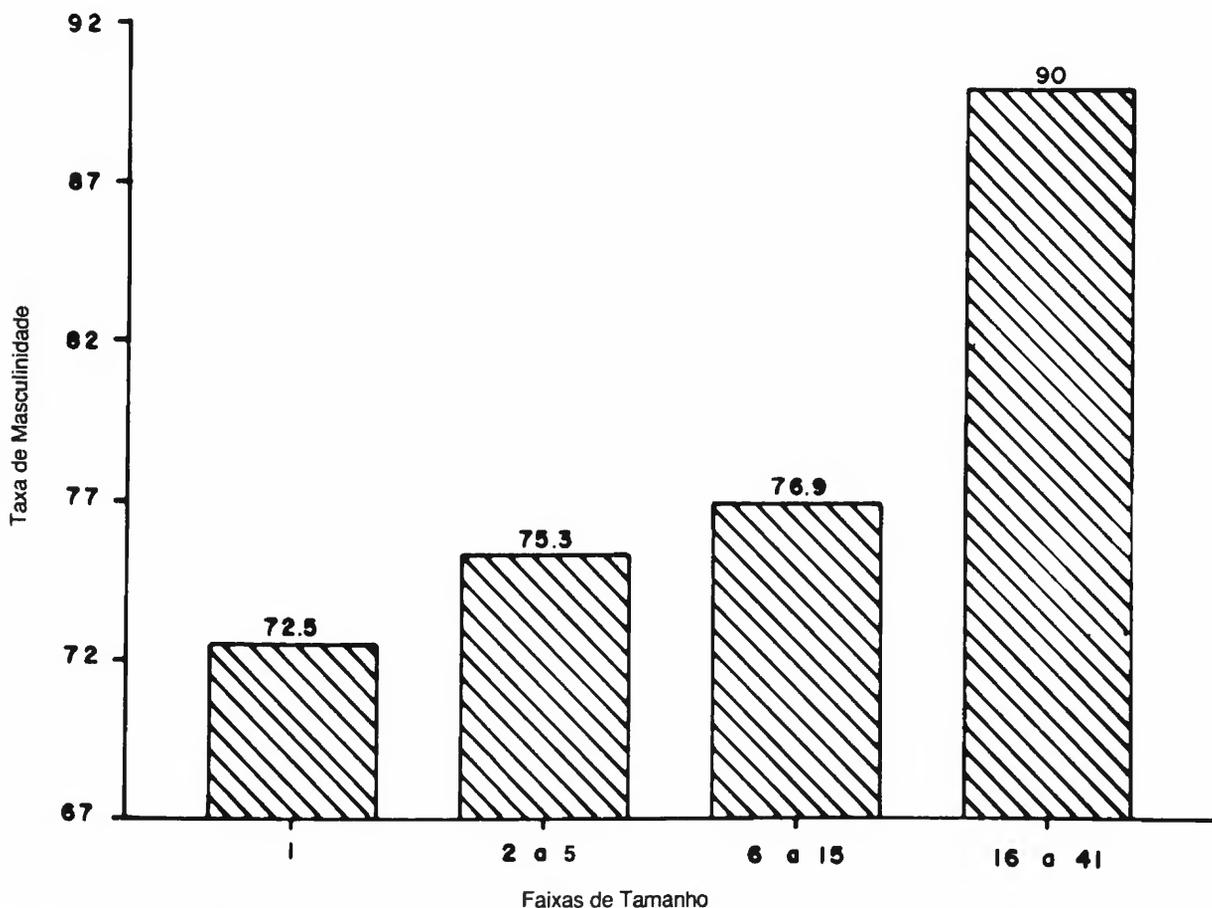
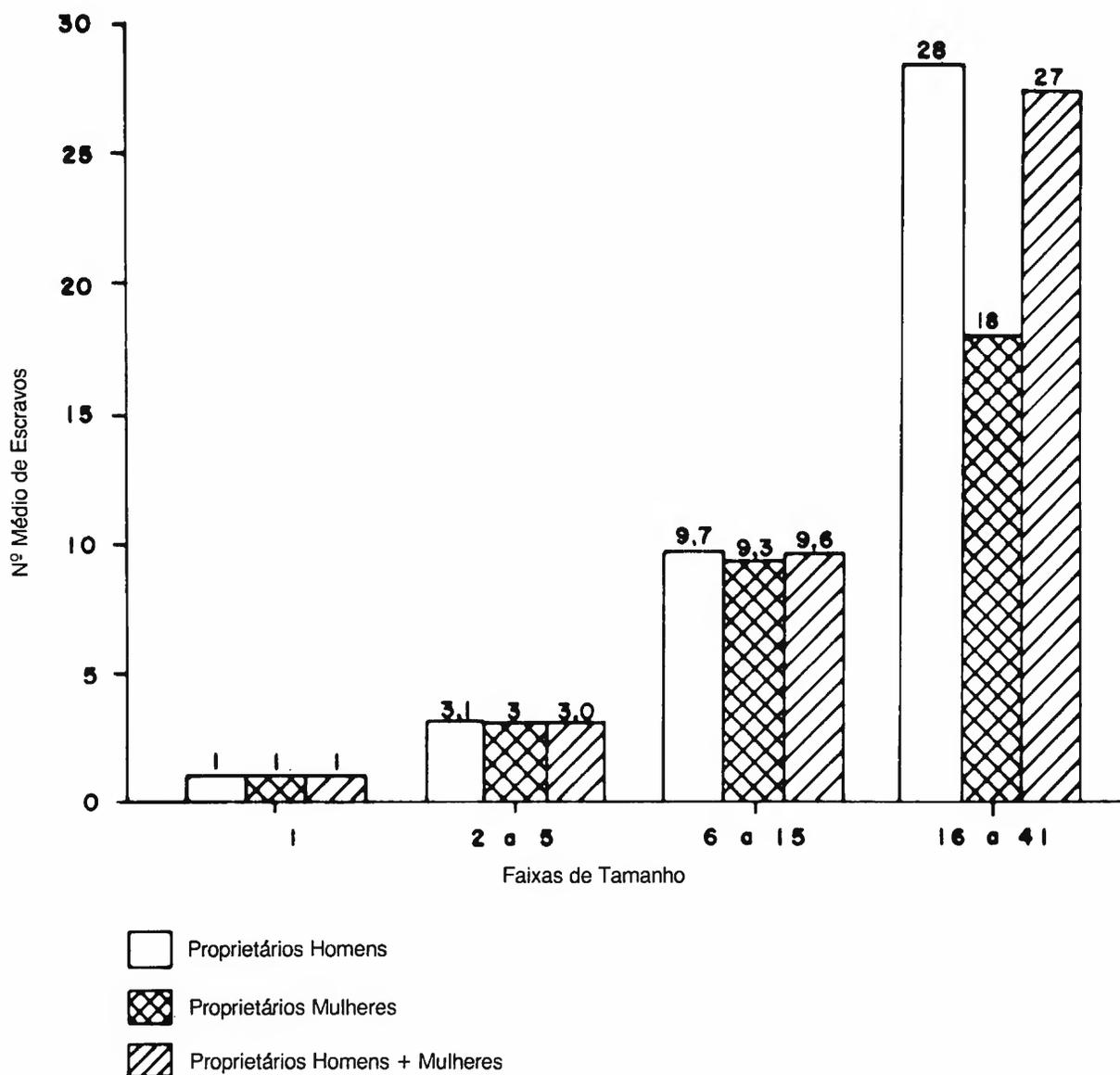


GRÁFICO 8

ESTRUTURA DE POSSE DE ESCRAVOS
NÚMERO MÉDIO DE ESCRAVOS POSSUÍDOS (LORENA – 1801)



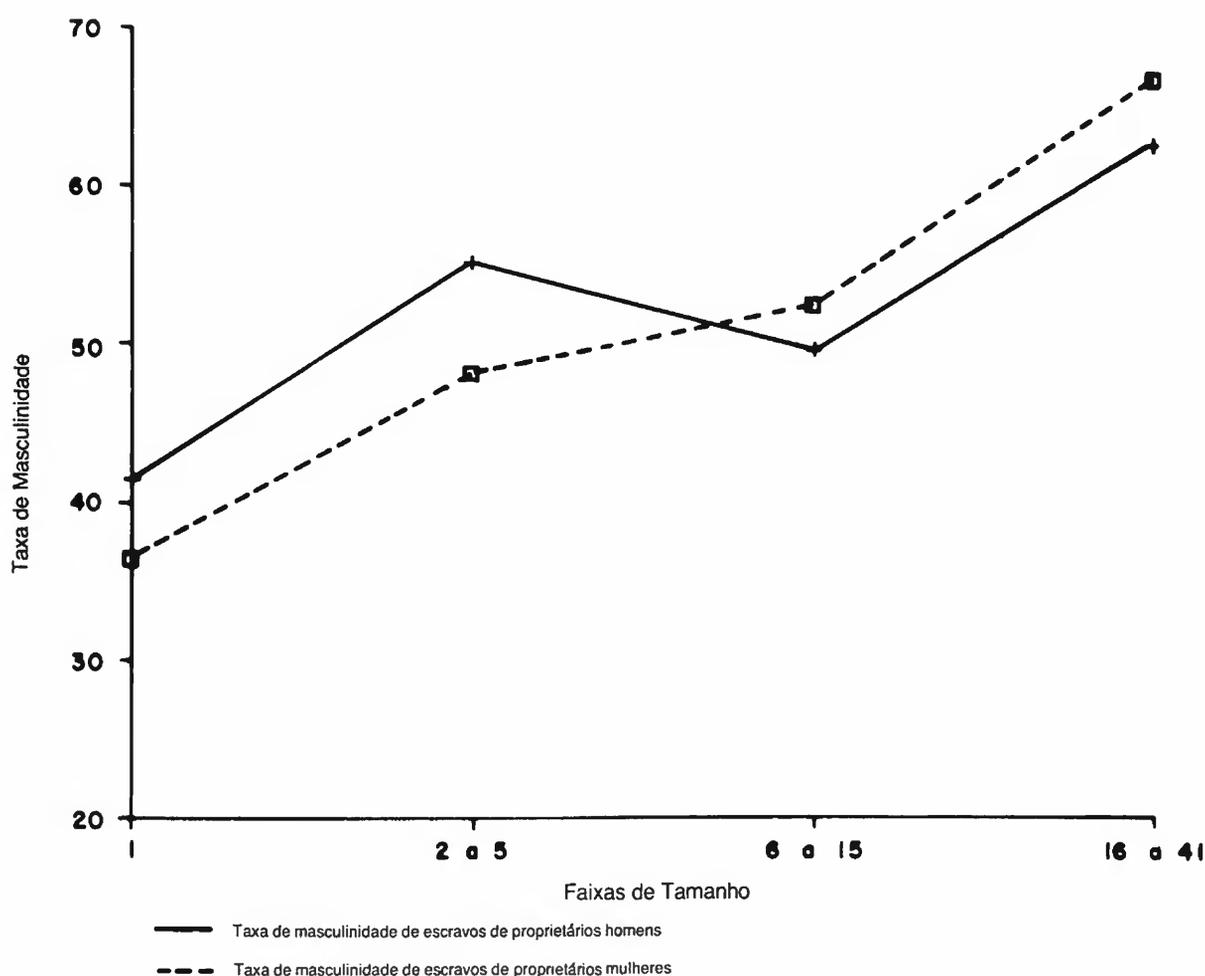
Deve-se notar, ademais, a forte presença das viúvas no conjunto das proprietárias. Assim, 79,5% destas últimas compunham-se de viúvas; já para os proprietários, a participação correlata atingia apenas 1,6%. De outra parte, resalte-se que entre aquelas não anotamos qualquer mulher casada, enquanto entre os proprietários dominavam os casados (86,2%). Disto decorre que a participação dos solteiros era maior no elemento do sexo feminino (20,5%) do que no sexo oposto (12,2%). Por fim, observe-se que as viúvas detinham 89,2% dos

escravos possuídos por mulheres, cabendo os restantes 10,8% às solteiras as quais tinham, em média, 2,25 cativos, enquanto as proprietárias viúvas detinham, em média, 4,81 escravos, valor próximo ao tamanho médio do plantel dos proprietários do sexo oposto que conheceram o matrimônio (5,81).

No gráfico 9, por seu lado, independentemente do sexo do proprietário, observa-se um aumento da taxa de masculinidade de escravos possuídos conforme aumenta o tamanho dos plantéis. Assim, na primeira faixa, os escravos do sexo masculino compõem com peso em torno de 40%, subindo a aproximadamente 63% na correspondente ao outro extremo; considerando-se que nas faixas intermediárias os efetivos de ambos os sexos equilibram-se, pode-se inferir que o ingresso à condição de escravista dava-se, preferencialmente, mediante a propriedade de um escravo do sexo feminino; o comportamento da

GRÁFICO 9

ESTRUTURA DE POSSE DE ESCRAVOS
TAXA DE MASCULINIDADE DE ESCRAVOS (LORENA – 1801)



taxa de masculinidade sugere, também, a existência de um processo diferenciado de acumulação em escravos do qual resultava, nos plantéis de grande porte, uma composição em que se via privilegiado o elemento masculino. O mesmo gráfico evidencia, ademais, não haver correlação entre o sexo do proprietário e dos respectivos escravos; ao que nos parece, a composição sexual da escravaria prendia-se ao montante de recursos possuídos pelos escravistas.

TABELA 3

VENDAS E COMPRAS DE ESCRAVOS SEGUNDO FAIXAS
DE TAMANHO DOS PLANTÉIS E SEXO DOS PROPRIETÁRIOS
(LORENA – 1801)

Faixas de Tamanho dos Plantéis	Vendas			Compras		
	Prop. H	Prop. M	Total	Prop. H	Prop. M	Total
1	1	—	1	3	—	3
2 a 4	3	7	10	8	1	9
5 a 9	6	5	11	11	2	13
10 a 41	—	8	8	3	—	3
Total	10	20	30	25	3	28

Por seu turno, as compras e vendas de cativos mostraram-se relacionadas ao tamanho do plantel, ao sexo e estado conjugal dos proprietários envolvidos em tais transações. Assim, da tabela 3 infere-se que apenas 10,7% das compras e 26,7% das vendas disseram respeito a plantéis com dez ou mais cativos; esta modesta presença no mercado de compra e venda de escravos dos detentores de plantéis maiores fica ainda mais reforçada se lembrarmos que os mesmos representavam 16,7% dos proprietários e detinham 53,4% dos escravos⁽⁵⁾. Tomando-se em consideração o sexo dos proprietários, verificou-se forte tendência de as mulheres realizarem transações de venda e mostrarem presença, nas compras, menor do que seu peso relativo no conjunto de

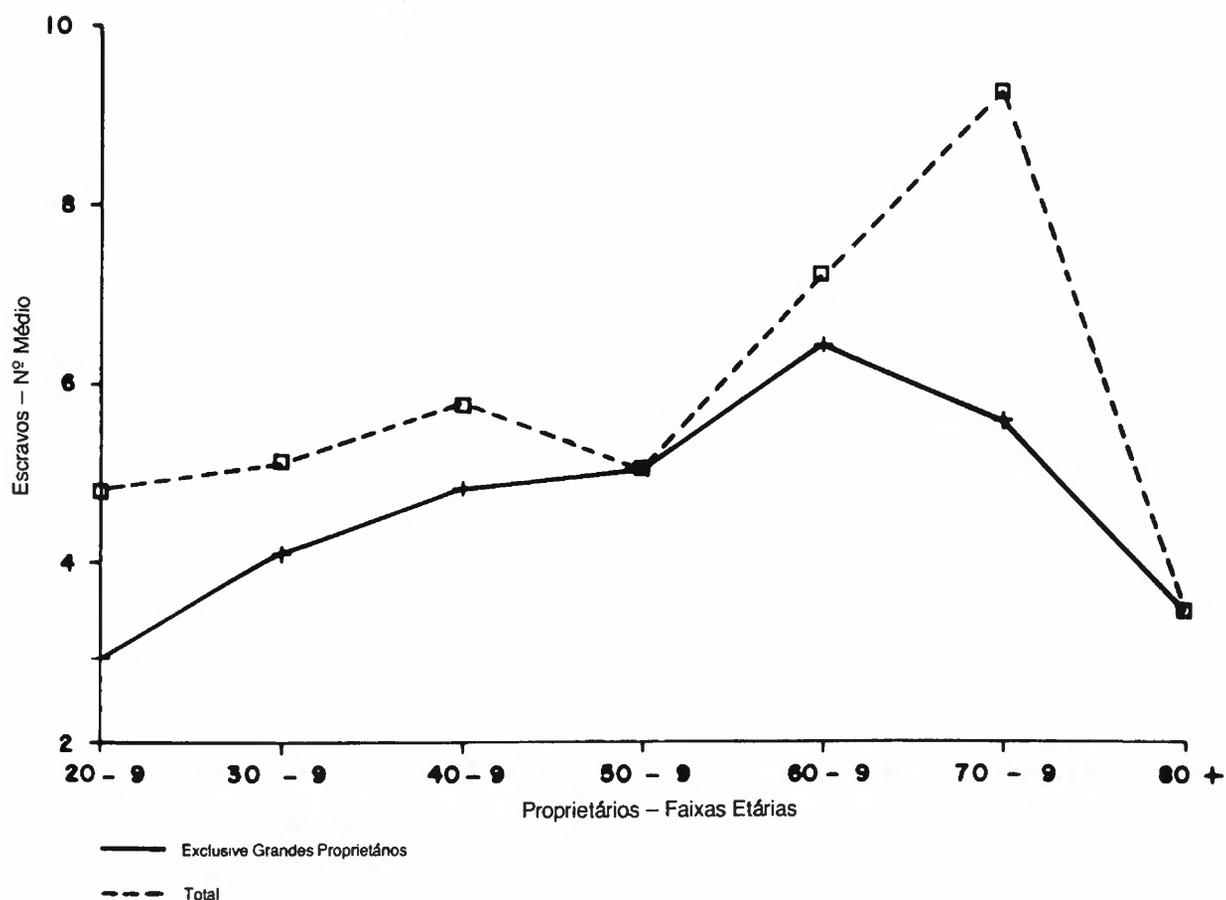
(5) Estes resultados apontam na mesma direção das verificações efetuadas por SLENES (1976, Capítulo III).

proprietários. Destarte, as proprietárias – que correspondiam a 24,1% do total de escravistas e que detinham 18,3% dos cativos – compareceram com 66,7% do número de escravos vendidos e apenas 10,7% dos adquiridos; esta característica é ainda mais nítida caso tomemos em conta apenas os proprietários com 10 ou mais cativos: nesta faixa de tamanho de plantel, as mulheres efetuaram a totalidade das operações de venda e não participaram das compras. Ademais, as viúvas, cujo peso relativo entre as proprietárias era de 79,5% e que detinham 89,2% dos escravos possuídos por mulheres, representaram 85,7% das vendedoras e lhes coube 95% dos cativos vendidos por mulheres. Impõem-se, pois, três conclusões: modesta participação dos grandes escravistas no tráfico interno de escravos; marcante presença feminina nas transações de venda e, nestas últimas operações, a participação mais do que proporcional das viúvas.

Por sua vez, a consideração do número médio de escravos e a idade dos proprietários permite verificar a existência de uma correlação positiva entre es-

GRÁFICO 10

**NÚMERO MÉDIO DE ESCRAVOS
POR FAIXAS ETÁRIAS DOS PROPRIETÁRIOS**



tas duas variáveis até a faixa dos 60 a 69 anos de idade; correlação que se inverte para faixas superiores. Assim, no gráfico 10, tomado o conjunto dos escravistas, verifica-se que o plantel dos proprietários colocados na faixa de 20 a 29 anos de idade é formado, em média, de 4,8 escravos, valor que alcança o máximo (9,3 escravos) na faixa etária de 70 a 79 anos e fica reduzido a 3,4 no segmento de 80 e mais anos. Tal evidência corrobora a hipótese⁽⁶⁾ de que o escravista tendia a acumular riqueza – aqui representada por escravos – no correr do período economicamente ativo de sua vida, após o qual se inclinava a desacumular, em decorrência de eventual partilha em vida de seus bens ou da não-reposição de escravos falecidos. Tal eventualidade estaria a se traduzir no perfil, menos recortado e mais consentâneo com a teoria do ciclo de vida, da curva para cuja construção excluímos os escravistas possuidores de 25 ou mais cativo⁽⁷⁾.

A espelhar as condições econômicas vigentes em São Paulo à época, os senhores de engenho, criadores e agricultores em geral detinham, aproximadamente, nove décimos da escravaria; assim, o décimo restante distribuía-se entre os negociantes, rentistas, clérigos, profissionais liberais e artesãos, denotando a preeminência do setor rural, preponderância esta que também se dava ao nível do número médio de escravos concernentes a cada uma das atividades aqui distinguidas. Desta feita, são os senhores de engenho e os agricultores que, em média, possuíam o maior número de cativos: 14,2 e 4,3, respectivamente; valor intermediário cabia a negociantes e rentistas (3,6 escravos), definindo-se como pequenos escravistas os artesãos, clérigos e profissionais liberais (Cf. tabela 4).

Os dados inscritos na tabela 5 reafirmam e qualificam as observações antes colocadas. Ademais, evidenciam que apenas as atividades ligadas à economia de exportação ou à produção sistemática de gêneros de subsistência para o mercado comportavam grandes plantéis: 63% dos senhores de engenho contavam de 10 a 41 escravos, enquanto cerca de 10% dos agricultores colocavam-se na mesma faixa; em relação a estes últimos, além disso, verifica-se que os mesmos faziam-se presentes em todas as faixas de tamanho de plantéis, concentrando-se no segmento de 2 a 4 cativos. Este leque expressa, como sabemos, a característica da agricultura de subsistência, qual seja, a de ser efetuada com ênfase no autoconsumo, na comercialização de excedentes ou visando integralmente à mercantilização: grosso modo, o autoconsumo e a

(6) Sobre a questão veja-se: COSTA (1983).

(7) A presença de proprietários de plantéis grandes introduz perturbações no perfil da curva uma vez que o processo de acumulação para os mesmos dá-se de maneira diferenciada; vale dizer, não ocorre em uma única geração, mas, mediante a herança, em duas ou mais gerações. Cf. COSTA (1983, p. 123-125).

TABELA 4

DISTRIBUIÇÃO DOS PROPRIETÁRIOS E RESPECTIVOS ESCRAVOS,
SEGUNDO AS ATIVIDADES ECONÔMICAS DOS PRIMEIROS
(LORENA – 1801)

Atividades	Escravistas	Escravos Possuídos		
		Nº Absoluto	%	Nº Médio
Senhores de Engenho/ Criar Animais	27	383	42,0	14,2
Agricultores	104	450	49,3	4,3
Negociantes/Rentistas	8	29	3,2	3,6
Igreja/Profissionais Liberais	6	15	1,6	2,5
Artesãos	11	28	3,1	2,5
Não explicitadas	6	7	0,8	1,2
Total	162	912	100,0	5,6

TABELA 5

DISTRIBUIÇÃO DOS PROPRIETÁRIOS DE ESCRAVOS,
SEGUNDO SUA ATIVIDADE E FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS
(LORENA – 1801)

Atividades	Faixas de Tamanho dos Plantéis				Total
	1	2 a 4	5 a 9	10 a 41	
Senhores de Engenho/Criar Animais	0	5	5	17	27
Agricultores	27	45	22	10	104
Negociantes/Rentistas	1	5	2	0	8
Igreja/Profissionais Liberais	2	3	1	0	6
Artesãos	5	4	2	0	11
Não explicitadas	5	1	0	0	6
Total	40	63	32	27	162

venda de excedentes estariam representados, respectivamente, por 26 e 64% dos agricultores em foco⁽⁸⁾. Outrossim, as atividades que se mostrariam posteriormente típicas da vida cidadina, viam seus integrantes maciçamente concentrados nas faixas concernentes aos pequenos proprietários: 87% deles detinham de 1 a 4 escravos.

A consideração da origem dos proprietários e o tamanho do plantel possuído indica que os proprietários oriundos de Lorena e do Rio de Janeiro detinham um número menor de cativos do que o esperado caso a distribuição de cativos independesse da naturalidade dos proprietários. Para paulistas e mineiros não se verificou discrepância entre os valores observados e os calculados. Já para os portugueses notou-se marcante diferença entre tais valores; isto está a indicar que os reinóis faziam-se presentes mais do que proporcionalmente entre os proprietários mais abastados. Destarte, a riqueza ou as possibilidades de acesso à mesma mostravam-se vinculadas, muito provavelmente, às condições econômicas próprias dos locais de nascimento e à condição social originária dos escravistas. Neste sentido, pode-se afirmar que os portugueses revelavam-se relativamente privilegiados em face do elemento brasileiro; dentre estes últimos, os lorenenses e fluminenses mostravam-se relativamente menos favorecidos (Cf. tabela 6).

TABELA 6
ORIGEM DO PROPRIETÁRIO E TAMANHO DE PLANTEL
(LORENA – 1801)

Origem do Proprietário(a)	Pequenos (1 a 5 cativos)		Médios e Grandes (6 a 41 cativos)	
	Observado	Calculado	Observado	Calculado
Lorena	56	52	19	23
Rio de Janeiro	8	6	1	3
São Paulo ^(b)	16	16	7	7
Minas Gerais	22	22	9	9
Portugal	10	16	13	7
Total	112	112	49	49

Notas: (a) Exclusive um proprietário natural do Brasil, com origem indeterminada.
(b) Exclusive os lorenenses.

(8) Não nos escapa aqui a existência de parcela substantiva de agricultores não-proprietários de es-

O que foi até aqui exposto revela a existência de notória correlação entre características demo-econômicas dos proprietários e as faixas de tamanho dos seus plantéis. A mesma relação também se faz presente quando consideramos as faixas de tamanho e variáveis demográficas dos escravos possuídos; a este corte dedicamos tópico especial ao qual nos remetemos imediatamente.

3. Faixas de Tamanho e Características Demográficas da Massa Cativa

As faixas de tamanho que nos pareceram mais sugestivas correspondem a quatro cortes: plantéis com apenas um cativo, com dois a cinco, de seis a quinze e com dezesseis ou mais escravos. As duas primeiras faixas englobam os pequenos escravistas, a terceira compreende os proprietários de porte médio, correspondendo a última aos que podem ser considerados os grandes proprietários da localidade no ano em questão.

Tomemos, inicialmente, as variáveis que mostraram menor correlação com o tamanho do plantel. Assim, a distribuição dos cativos segundo a origem (coloniais e africanos) revela-se independente *vis-à-vis* as faixas de tamanho dos plantéis; vale dizer, não havia qualquer concentração de escravos oriundos

TABELA 7
DISTRIBUIÇÃO DOS ESCRAVOS SEGUNDO ORIGEM E
FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS
(LORENA – 1801)

Faixas de Tamanho dos Plantéis	Observado		Calculado.		Total
	Brasil	África	Brasil	África	
1	30	10	29	11	40
2 – 5	162	61	163	60	223
6 – 15	268	107	275	100	375
16 – 41	208	66	201	73	274
Total	668	244	668	244	912

Notas: $\chi^2 = 1,704$; não significativo; χ^2 tabelado (3 graus de liberdade, nível de 0,50) = 2,366.

... cravos, os quais, além de produzirem para o autoconsumo, chegavam mesmo a participar – embora de modo o mais modesto – da economia de exportação.

do Brasil ou da África nesta ou naquela faixa de tamanho. Tais afirmações decorreram da análise da tabela 7 para cuja construção consideramos os valores observados e calculamos a distribuição hipotética segundo a qual a origem dos cativos independe da faixa de tamanho dos plantéis. O confronto dos valores calculados e observados revela pequenas discrepâncias, não-significativas do ponto de vista estatístico, conforme o teste χ^2 correspondente.

Também com respeito à cor, observou-se a independência das distribuições de escravos pardos e negros em face dos estratos de tamanho dos plantéis. Como no caso anterior, as divergências entre os valores calculados e os observados não se revelam estatisticamente significativas (Cf. tabela 8).

TABELA 8

DISTRIBUIÇÃO DOS ESCRAVOS SEGUNDO COR E
FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS
(LORENA – 1801)

Faixas de Tamanho dos Plantéis	Observado		Calculado		Total
	Pretos	Pardos	Pretos	Pardos	
1	30	10	30	10	40
2 – 5	175	48	168	55	223
6 – 15	279	96	283	92	375
16 – 41	203	71	206	68	274
Total	687	225	687	225	912

Notas: $\chi^2 = 1,592$; não significativo; χ^2 tabelado (3 graus de liberdade, nível de 0,70) = 1,424.

A consideração dos escravos segundo as faixas etárias de 0 a 14, 15 a 59 e 60 e mais anos de idade mostrou a existência de moderada vinculação entre as faixas etárias e de tamanho dos plantéis. Verificou-se a presença de crianças acima do esperado (caso houvesse independência estatística entre faixas etárias e de tamanho de plantel) nas faixas de 6 a 15 escravos; igualmente, observou-se que os cativos em idade economicamente ativa apresentavam valores expressivamente maiores do que os esperados nas faixas de 1 a 5 e de 16 a 41 cativos; por fim, os velhos (60 e mais anos) fizeram-se presen-

tes mais do que proporcionalmente nos pequenos plantéis (5 ou menos escravos). Em síntese, verificou-se que as duas primeiras faixas de tamanho de plantel compunham-se de “poucas” crianças, “muitos” velhos e equilibrada massa de pessoas em idade economicamente ativa; nos plantéis de porte médio (6 a 15 escravos) congregavam-se “muitas” crianças e “poucas” pessoas com 15 ou mais anos de idade. Por fim, os grandes plantéis distinguiram-se por apresentarem relativa concentração de elementos na faixa etária dos 15 aos 59 anos de idade (Cf. tabela 9).

TABELA 9

DISTRIBUIÇÃO DOS ESCRAVOS, SEGUNDO FAIXAS ETÁRIAS E FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS (LORENA – 1801)

Faixas de Tamanho dos Plantéis	Observado			Calculado			Total
	0-14	15-59	60 e +	0-14	15-59	60 e +	
1	11	26	3	15	24	1	40
2 – 5	79	132	12	85	130	8	223
6 – 15	157	208	10	143	219	13	375
16 – 41	101	167	6	105	160	9	274
Total	348	533	31	348	533	31	912

Notas: $\chi^2 = 10,605$; significativo ao nível de 80%; χ^2 tabelado (6 graus de liberdade, nível de 0,80) = 8,558.

Obtivemos correlações estatisticamente mais significativas ao contemplarmos, para cada origem (coloniais e africanos), a distribuição dos escravos segundo faixas etárias e de tamanho dos plantéis (Cf. tabelas 10 e 11). Destarte, verifica-se, para o elemento colonial, uma presença mais do que proporcional de velhos na faixa unitária, de pessoas em idade economicamente ativa na faixa de 2 a 5 cativos, e de crianças na faixa de 6 a 15. Correlatamente, verificou-se uma presença menos do que proporcional de crianças nos pequenos plantéis (menos de 5 cativos) e de velhos e adultos nos plantéis de porte médio. Nos grandes plantéis, por sua vez, não se verificaram diferenças expressivas entre os valores observados e os calculados.

TABELA 10

DISTRIBUIÇÃO DOS ESCRAVOS COLONIAIS, SEGUNDO FAIXAS ETÁRIAS E FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS (LORENA – 1801)

Faixas de Tamanho dos Plantéis	Observado			Calculado			Total
	0-14	15-59	60 e +	0-14	15-59	60 e +	
1	9	19	2	14,7	14,7	0,6	30
2 – 5	72	85	5	79,0	79,6	3,4	162
6 – 15	145	121	2	130,7	131,6	5,7	268
16 – 41	100	103	5	101,6	102,1	4,3	208
Total	326	328	14	326	328	14	668

Notas: $\chi^2 = 13,057$; significativo ao nível de 95%; χ^2 tabelado (6 graus de liberdade, nível de 0,95) = 12,592.

TABELA 11

DISTRIBUIÇÃO DOS ESCRAVOS AFRICANOS, SEGUNDO FAIXAS ETÁRIAS E FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS (LORENA – 1801)

Faixas de Tamanho dos Plantéis	Observado			Calculado			Total
	0-14	15-59	60 e +	0-14	15-59	60 e +	
1	2	7	1	0,9	8,4	0,7	10
2 – 5	7	47	7	5,5	51,2	4,3	61
6 – 15	12	87	8	9,6	90,0	7,4	107
16 – 41	1	64	1	6,0	55,4	4,6	66
Total	22	205	17	22	205	17	244

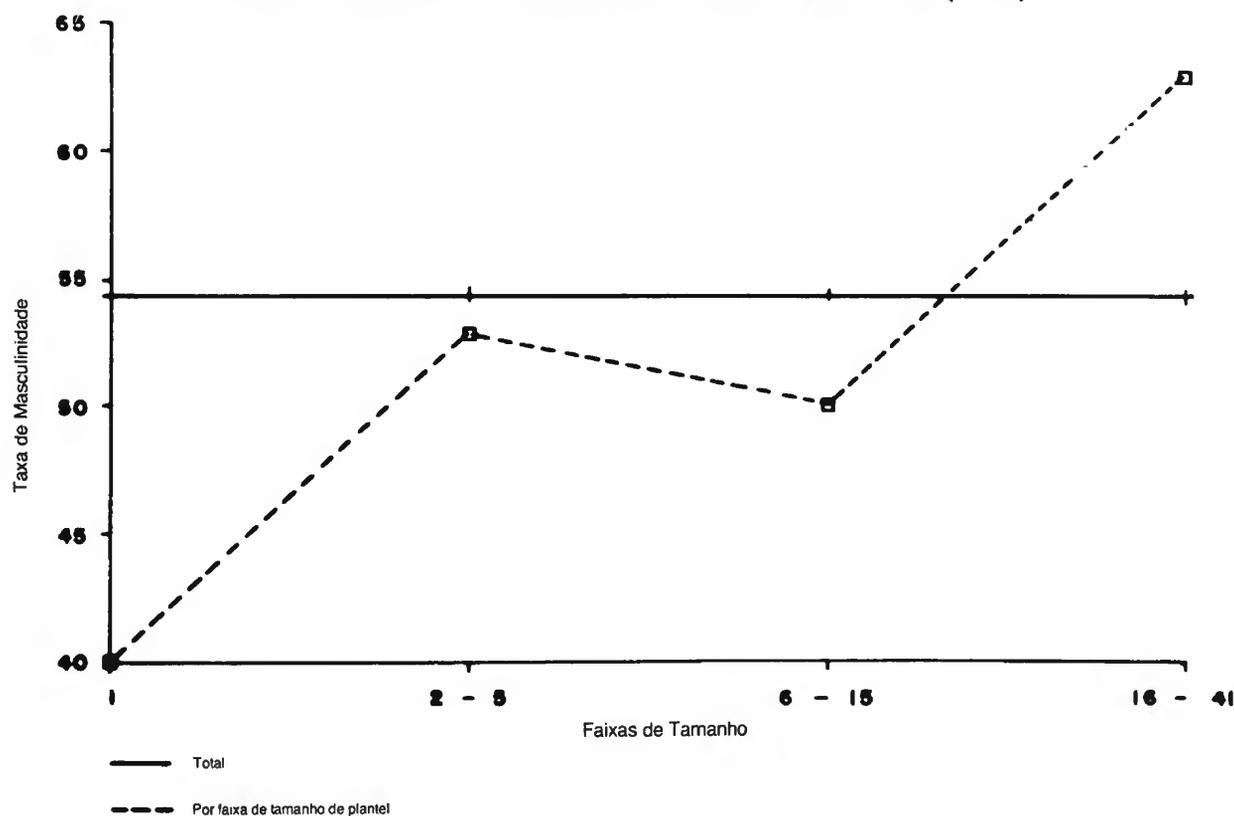
Notas: $\chi^2 = 12,992$; significativo ao nível de 95%; χ^2 tabelado (6 graus de liberdade, nível de 0,95) = 12,592.

O mesmo procedimento aplicado para os escravos originários da África evidenciou relações distintas das anteriormente apontadas. Assim, os plantéis com 16 a 41 cativos apresentaram forte concentração de adultos, fato que não se repetiu para os demais estratos de tamanho, pois, tanto para pequenos como para plantéis médios, notamos relativa concentração de africanos nas faixas etárias extremas.

Em termos genéricos, os resultados aqui arrolados nos permitem afirmar que os proprietários dos vários segmentos de tamanho de plantel, na formação dos mesmos, não discriminavam os cativos segundo a origem e a cor. Não obstante, tendiam a atuar seletivamente no tocante à idade, sendo tal ação distinta, segundo a procedência dos escravos. Um outro elemento que se deve somar à ação dos proprietários prende-se ao próprio "ciclo de vida" dos plantéis e às características que podiam assumir em cada momento de sua formação⁽⁹⁾. A este respeito parece-nos que, a partir de certa massa crítica de escla-

GRÁFICO 11

ESCRAVOS – TAXA DE MASCULINIDADE POR FAIXAS DE TAMANHO DOS PLANTÉIS (FTP)



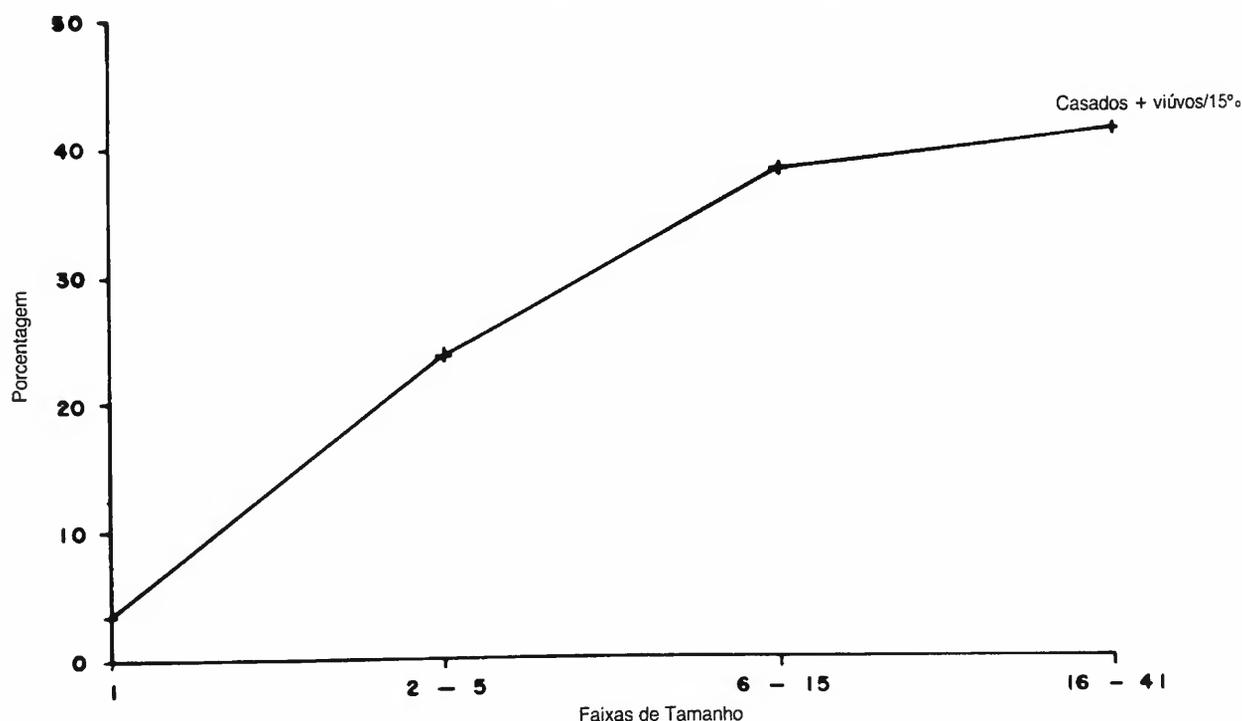
(9) Os dados com os quais estamos a trabalhar, concernentes a um ponto do tempo, não nos permitem uma análise exaustiva desta questão.

vos, os proprietários passavam a dispor de uma via adicional de acumulação, qual seja, o próprio crescimento vegetativo de seus plantéis. A corroborar tal hipótese estão os indicadores concernentes ao estado conjugal dos escravos e à condição de filiação das crianças cativas. Antes de passarmos aos mesmos, examinemos a taxa de masculinidade própria de cada faixa de tamanho de plantel. Conforme visualizado no gráfico 11, a participação do elemento masculino era crescente de acordo com o crescimento do tamanho do plantel; assim, de uma taxa de masculinidade de 40,0 para o estrato inferior de tamanho, passa-se à taxa de masculinidade de 62,8 para o extremo superior. Tenha-se presente que mesmo nos plantéis de grande porte, especializados na produção para o mercado, era muito expressivo o contingente feminino.

Como avançado, havia notória correlação entre o estado conjugal dos cativos e o tamanho dos plantéis, a qual não se deve a diferenças na estrutura etária das massas de cativos pertencentes a cada estrato de tamanho, mas, sim, segundo nos parece, às próprias possibilidades de estabelecimento de casais estáveis nos plantéis de maior porte⁽¹⁰⁾. Destarte, como se observa no

GRÁFICO 12

ESTADO CONJUGAL DOS ESCRAVOS
(% SOBRE MAIORES DE 14 ANOS)



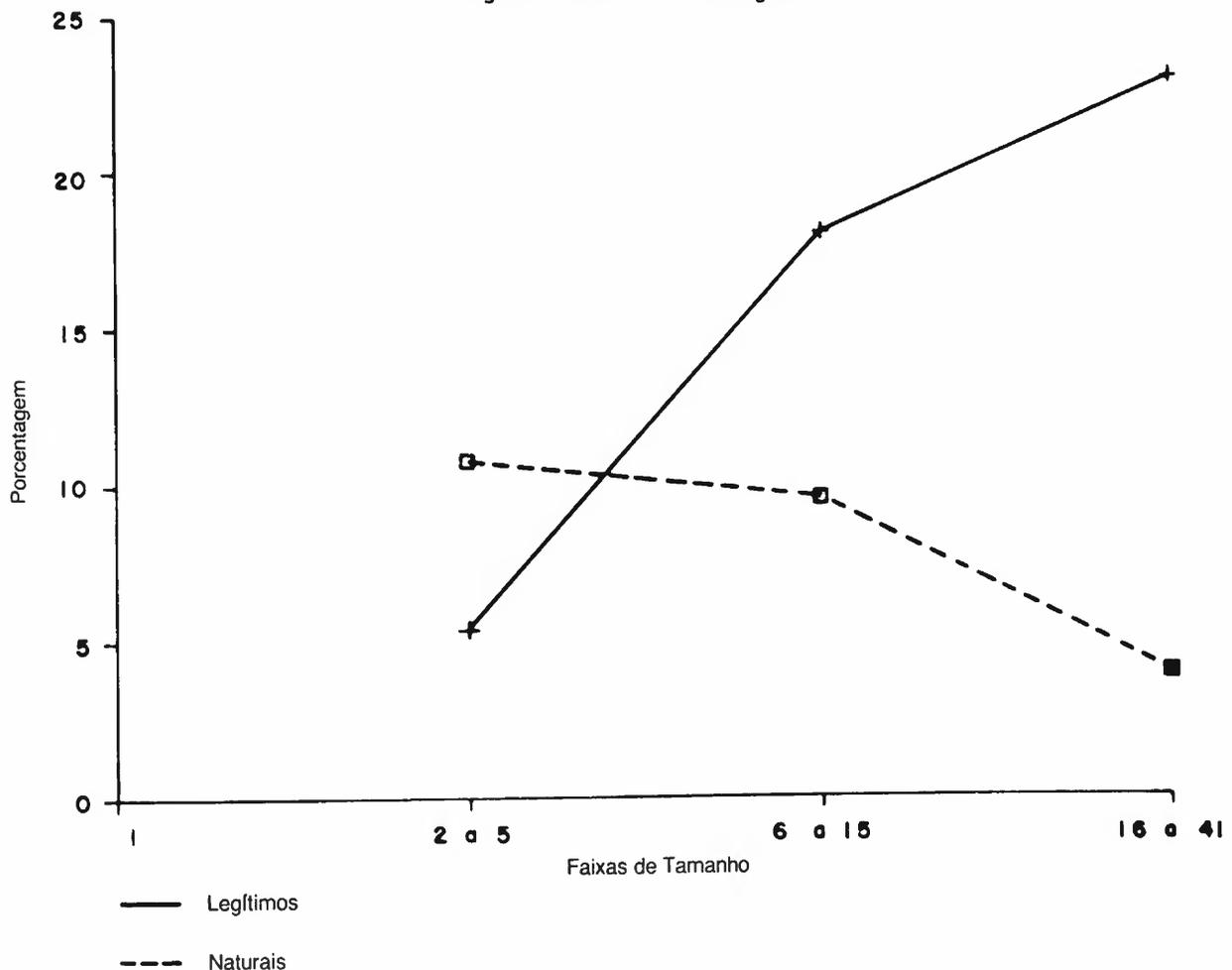
(10) Para uma visão exaustiva da família escrava em Lorena, veja-se o estudo calcado nas mesmas fontes documentais aqui utilizadas: COSTA, SLENES & SCHWARTZ (1987).

gráfico 12, os percentuais de escravos casados ou viúvos tomados sobre os efetivos de maiores de 14 anos de cada faixa de tamanho mostraram-se crescentes, alcançando-se de 3,44% (faixa unitária) para 41,04% na faixa de 16 a 41 cativos.

Esta crescente participação de casados ou viúvos afeta, também de modo claro e insofismável, a participação dos filhos legítimos sobre os efetivos totais de cada faixa. Assim, tal peso relativo elevou-se de 5,4% (faixa de 2 a 5) para 23,0% (faixa superior de tamanho). O simples fato de que mais de um quinto da massa de cativos dos grandes plantéis compunha-se de filhos legítimos, com quatorze ou menos anos de idade, oriundos, portanto, de casamentos consagrados perante a Igreja, é um forte indicador das possibilidades de acumulação por via do crescimento vegetativo dos próprios plantéis. Evidencia-se, também, que tal via estava aberta, sobretudo, aos proprietários de plantéis relativamente grandes (Cf. gráfico 13).

GRÁFICO 13

ESTRUTURA DE POSSE DE ESCRAVOS FILIAÇÃO DAS CRIANÇAS



No mesmo gráfico observa-se a participação declinante das crianças com 14 ou menos anos definidas como filhos naturais. Assim, as mesmas, que representavam 10,8% do efetivo total da faixa de tamanho de 2 a 5 cativos, vieram-se reduzidas a 4,0% do número total de escravos da faixa dos 16 a 41 escravos. Tal declínio denota, também, que a possibilidade para o estabelecimento de uniões legitimadas perante a Igreja era maior segundo o aumento do plantel.

Considerações Finais

Parece-nos ocioso efetuar aqui o balanço das conclusões concernentes à estrutura da posse de escravos em Lorena no começo do século passado, as quais restam firmadas no correr de cada tópico; nestes, acham-se igualmente arroladas as principais correlações entre faixas de tamanho e características econômicas e demográficas dos proprietários e respectivos cativos.

Como vimos, quase todas as variáveis demográficas selecionadas apresentaram algum tipo de relação com o tamanho dos plantéis, o que, por si só, revela a importância e as potencialidades do enfoque adotado neste trabalho, no qual privilegiamos o estudo de características demográficas à luz das faixas de tamanho dos plantéis. Entretanto, não propomos tal perspectiva metodológica como exclusiva, uma vez que a mesma pode ser enriquecida com base em estudos longitudinais, o que só poderá ser efetuado se os dados forem considerados em apreciável série de tempo. Impõe-se, ademais, repetir para outras fontes documentais a estrutura emprestada a este estudo, a fim de que possamos melhor avaliar as conclusões ora avançadas, tornando-as mais abrangentes tanto na perspectiva temporal como na do espaço geográfico.

Referências Bibliográficas

- COSTA, Iraci del Nero da, SLENES, Robert W. & SCHWARTZ, Stuart B. A família escrava em Lorena (1801). *Estudos Econômicos*, 17(2):217-227, São Paulo, IPE-USP, maio/ago. 1987.
- COSTA, Iraci del Nero da. Nota sobre ciclo de vida e posse de escravos. *História: Questões e Debates*, 4(16):121-127, Curitiba, APAH, jun. 1983.
- & LUNA, Francisco Vidal. *Minas Colonial: economia e sociedade*. São Paulo, FIPE/PIONEIRA, 1982.
- . Posse de escravos em São Paulo no início do século XIX. *Estudos Econômicos*, 13(1):211-221, São Paulo, IPE-USP, jan./abr. 1983.
- GUTIÉRREZ, Horacio. *Posse de escravos no Paraná nas primeiras décadas do século XIX*. Comunicação apresentada no XIII Simpósio Nacional da História da ANPUH, Curitiba, 1985. (mimeo).
- LUNA, Francisco Vidal. *Posse de escravos em Sorocaba (1778-1836)*. São Paulo, IPE-USP, 1986 (mimeo).

- SCHWARTZ, Stuart B. Padrões de propriedade de escravos nas Américas: nova evidência para o Brasil. *Estudos Econômicos*, 13((1): 259-287, São Paulo, IPE-USP, jan./abr. 1983.
- SLENES, Robert W. *The demography and economics of brazilian slavery: 1850-1888*. Stanford University, 1976 (mimeo).

(Originais recebidos em julho de 1989).